

SER E ESTAR, EIS A QUESTÃO

Basilio Thomé de Freitas Jr.

“...infelizmente as doutrinas da unidade e a submissão à hierarquia, não se mantiveram na Maçonaria universal, houve logo aí uma Maçonaria dissidente, oposta à Maçonaria ortodoxa, e as maiores calamidades da revolução francesa foram o resultado desta cisão.” - Origens Mágicas da Maçonaria, Éliphas Levi.

O título deste artigo obviamente se inspira e parodia a famosa frase (*1) da obra “Hamlet” de William Shakespeare. Sobre o genial bardo temos a vantagem de falar português, o que automaticamente nos permite uma melhor compreensão da diferença entre ser e estar. Este aspecto é fundamental para entender a Maçonaria Moderna e sua atuação no período contemporâneo.

A existência de uma Maçonaria Moderna implica naturalmente na existência de uma antiga com características diversas, da qual, à propósito, existem muito poucos registros históricos, nem mesmo uma dezena de documentos originais (*2), a maioria mais voltados à aspectos formais das guildas de construtores. Mesmo dentro da ordem o conhecimento à respeito desta fase é mínimo e restrito aos Rituais modernos.

Aliás, quanto a rituais os antigos sequer os transcreviam e atas de reunião eram uma excepcionalidade. Se, como ainda hoje, a experiência pessoal é necessária, no passado era suficiente, afinal a obra da Maçonaria se faz sobre cada maçom. Isto evidencia que para os antigos o foco não era a instituição em si e sim os irmãos.

O que chamamos de Maçonaria moderna principia com a fundação da Grande Loja de Londres na taverna "O Ganso e a Grelha" em 1717, mais precisamente no dia 24 de junho, dia de São João, considerado sagrado pelos Templários.

O motivo para a criação desta Grande Loja é controverso. O mais difundido pelos escritores maçônicos é que ela ocorre pelo esvaziamento da ordem, em Londres, devido à criação de clubes e associações correlatas à Maçonaria, como a Real Sociedade (1661).

*1- *"Ser ou não ser, eis a questão"* ("To be or not to be, that is the question") citação do personagem Hamlet durante o monólogo da primeira cena do terceiro ato da peça homônima.

*2- A “Carta de Bolonha” é o mais antigo documento comprovadamente maçônico conhecido e denominado originalmente “Statuta et Ordinamenta Societatis Magistrorum Tapia et Lignamilis”, redigido em latim por um escrivão público, sob ordem do Prefeito de Bolonha, Bonifaci di Cario, no dia 08 de Agosto de 1248. Em seu conteúdo fica claro que essa Maçonaria Operativa Italiana já era tradicional, antiga, contendo sólida estrutura e hierarquia, bem anterior à data de registro da Carta. Outras referências são: o “Poema Regius” (1390), “Manuscrito Halliwell” (1390), “Manuscrito de Cooke” (1430), “Manuscrito de Estrasburgo” reconhecido no Congresso de Ratisbona de 1459 e autorizado pelo Imperador Maximiliano em 1488, e o “Preambolo Veneziano dei Taipiera” (1307).

Alega-se e que em Londres à época, apenas quatro lojas se reunião regularmente, justamente as fundadoras da Grande Loja:

- O Ganso e a Grelha (*Goose and Gridron*), no adro (*1) da Catedral de São Paulo,
- A Coroa (*The Crown*), em Parker Lane,
- A Taverna da Macieira (*The Appletree Tavern*), rua Charles em Convent Garden,
- A Taverna da Taça e das Uvas (*The Rummer and Graps Tavern*), no Chanel Row, Westminster.

Todavia esta explicação carece de exatidão; em Londres a Maçonaria não estava resumida às quatro Lojas mencionadas e em toda a Inglaterra a Maçonaria se desenvolvia vigorosamente. Além do mais se cogita que antes de 1705 já existiria uma Grande Loja formada que operava em York, com o apoio da nobreza.

Particularmente entendo que a explicação mais consistente para a fundação da Grande Loja da Inglaterra esta ligada a eventos políticos, relacionados ao trono inglês. Quando James II é deposto pela "Revolução Gloriosa" de 1668, seguindo para o exílio na França, recebeu apoio de um grande contingente maçônico, os denominados Jacobitas. Nas Lojas, estes passaram a gestar planos para o seu retorno ao poder e posteriormente de seus descendentes, especialmente após a ascensão da dinastia dos Hanoverianos com George I em 1714 e que resultou do levante de 1715.

Assim as quatro Lojas fundadoras tinham em comum o fato de apoiar a dinastia dos Hanover em contraponto às que apoiavam os Stuart. À propósito, informações reservadas dentro da ordem revelariam que os seus dirigentes à época eram justamente os Stuart, o que colocaria a Maçonaria no foco nesta disputa dinástica.

Na obra "O Templo e a Loja", seus autores Michael Baigent e Richard Leigh relatam: *"Os Stuarts exilados, tenazmente se apegam a seu sonho de recuperar o reinado que haviam perdido. O deposto James II morreu em 1701, sendo sucedido por seu filho, James III, (James Francis Edward Stuart *Londres, 10/06/1688, †Roma, 1/01/1766), o assim chamado "Old Pretender". Ele por sua vez, foi sucedido por seu filho, o "Yung Pretender" Charles Eduard, "Bonnie Prince Charlie". Sob o governo destes três monarcas exilados, os círculos Jacobitas no Continente haveriam de ficar como ninhos de conspiração e intriga política....quando a Grande Loja (que, subseqüentemente, haveria de se tornar o principal repositório da Franco-Maçonaria Inglesa) foi criada em 1717, surgiu, em grande parte, como uma tentativa Whig ou Hanoveriana de quebrar aquilo que até então vinha sendo um virtual monopólio Jacobita".*

*1- Adro é o nome pelo qual é chamada a área externa, em geral cercada, das igrejas.

Uma evidência de que com a Grande Loja procurava-se anular (substituir) esta influência na Maçonaria inglesa é o comentário do primeiro Grão Mestre eleito pelo período de apenas um ano, o Sr. Anthony Sawyer, que declarou: "*até que venha o dia em que possamos ter a honra de ter um Irmão Nobre em nosso comando*". Aparentemente, o que efetivamente ocorreu na época foi a explícita estatização da Maçonaria inglesa por esta Potência Maçônica, que a partir de então conferiria a regularidade dentro da Ordem. Naturalmente aquelas que não se mostrassem fiéis à nova dinastia Hanoveriana teriam problemas. É necessário que se diga, que durante algum tempo após a fundação da Grande Loja, a Maçonaria inglesa em vários aspectos passa a servir aos interesses do governo inglês especialmente nas Lojas abertas no exterior sob seus auspícios.

Isto, aliás, foi destacado no livro "*A Maçonaria na Independência do Brasil*", pelos irmãos Ferreira. Nele os autores sustentam que a Maçonaria inglesa influência a francesa no intuito de destronar os Bourbons e segundo os autores estaria na origem da "Maçonaria Vermelha". Obviamente esta explicação quanto a Maçonaria moderna não é encarada com muita simpatia pela atual Grande Loja Unida da Inglaterra, o que explica porque muitos autores ligados a ela relutam em propala-la.

Outro aspecto importante: tradicionalmente estipula-se o ano de 1717 como marco da transição da Maçonaria Operativa para a Especulativa, com o ingresso dos chamados "maçons aceitos", ou seja, profissionais de áreas não relacionadas à construção, porém existem registros documentais que isto já acontecia regularmente há pelo menos um século, sem mencionar evidências que comprovam uma prática ainda mais antiga (*1). À propósito a Loja "The Rummer and Grapes", uma das quatro fundadoras da Grande Loja da Inglaterra, era integralmente especulativa.

Mas se os "aceitos" até então eram selecionados dentro de uma elite intelectual que envolvia elementos de áreas diversas (militares, comerciantes, pensadores, escritores sábios, filósofos, nobres, além de esotéricos, ocultistas, alquímicos, cabalistas, etc.) e seguindo os restritos preceitos para o seu reconhecimento como maçons, a partir de 1717, devido à conjuntura relativa à disputa pelo trono inglês, os candidatos oriundos de uma elite política e econômica tiveram a preferência, admitidos nem sempre sob critérios adequados, mais à conjuntura política da época, o que tornava a Maçonaria uma instituição extremamente influente, atrativa para indivíduos ou mesmo grupos com agendas totalmente distintas da ordem e que buscariam utilizá-la para seus propósitos.

*1- O Regius Manuscript, de 1390, conservado no Museu Britânico faz referência a uma Maçonaria que pode ser considerada especulativa, assim como o Cooke Manuscript de 1430 que é até mais explícito. O registro do primeiro maçom aceito é datado de 08/06/1600, na Loja Saint Mary's Chapel em Edimburgh, do abastado fazendeiro John Boswell lord de Auchenlek. Esta Loja tem registros de atas desde 1599.

É notório o crescimento deste contingente tanto na Maçonaria da Inglaterra quanto na continental ou mais especificamente entre Haniverianos e Jacobitas.

No final do século XVIII, com a consolidação da dinastia dos Hanover, o caráter político das lojas na Inglaterra tende a declinar, mas permaneceria por algum tempo a divisão entre modernos da "Grande Loja de Londres" e antigos da "Grande Loja de Toda a Inglaterra" (antiga Loja de York). Esta divisão causou sérias perdas em termos de conhecimento maçônico, pois a deficiência ritualística dos modernos acarretou a proibição (por parte do governo inglês) da prática de graus mais avançados. Somente em 1813 as duas Grandes Potências se fundiram na Grande Loja Unida da Inglaterra.

Já no continente ocorre quase o oposto; o fato dos Jacobitas desfrutarem uma maior autonomia possibilitou à Maçonaria continental experimentar uma grande efervescência, que se por um lado proporcionou a criação de novos ritos explorando aspectos variados da filosofia maçônica, por outro lado facilitou a infiltração de elementos com objetivos eminentemente políticos, totalmente estranhos à ordem. Estes elementos desenvolveriam a Maçonaria "dissidente" mencionada no texto em epígrafe.

Para a maioria dos maçons persiste o entendimento de que a Maçonaria moderna é caracterizada fundamentalmente pela transição da fase operativa para a especulativa em função do declínio da atividade de construção das grandes catedrais. Pessoalmente acredito que a transição para a modernidade se constituiu (em um período pelo menos) na supremacia da atividade política em detrimento da filosófica, na superação do espírito pela personalidade, e certamente isto ensejou divisões e a visibilidade que obteve desde então. Uma visibilidade que estimulou as vaidades, facilitando enormemente as tentativas de infiltração e algumas vezes o sucesso destas.

Compartilho do pensamento de René Guénon quando começa a escrever seus primeiros artigos na revista "A Gnose" (precisamente na época em que recebe a iniciação islâmica, a taoista e a maçônica), concluindo que a Maçonaria estava sofrendo da mesma sorte que antanho tiveram outras organizações iniciáticas e tradicionais do Ocidente, como foi o caso da Ordem do Templo e a Ordem Rosa-Cruz.

A incompreensão de que eram objeto os símbolos e os ritos por grande parte de seus membros era a causa principal da decadência que já se manifesta em princípios do século XVIII quando a Maçonaria perde grande parte de seu antigo caráter ao fazer-se predominante nela o "especulativo", que longe de constituir, como assinala o próprio Guénon, *"um progresso, implica, não um desvio propriamente dito, senão uma degeneração no*

sentido de um apequenamento, que consiste na negligência e no esquecimento de tudo o que é realização, porque é isto o verdadeiramente "operativo".

Exemplo desta decadência, que nubla seus verdadeiros propósitos, é observada na “evolução” da constituição do Rito Francês (ou Moderno), que até 1877 versava em seu artigo primeiro: *“A Franco-Maçonaria tem por princípio a existência de Deus, a imortalidade da alma e a solidariedade humana”*; depois desta data é abolida a referência à divindade: *“A Franco-Maçonaria tem por princípio a liberdade absoluta de consciência e a solidariedade humana”*. E finalmente em 1884 estabelece: *“considerando as concepções metafísicas como sendo do domínio específico da apreciação individual de seus membros, a Franco-Maçonaria abstém-se de qualquer afirmação dogmática”*.

Também a constituição maçônica elaborada por Anderson (*1) em 1723, refletiu as marcas do danoso conflito entre jacobinos e hanoverianos. A explícita proibição da discussão de cunho ideológico e religioso em loja é emblemático e justificada, afinal como mencionado, estes conflitos desvirtuaram a ordem permitindo a infiltração de indivíduos e entidades que procuravam utiliza-la para seus intentos.

Se para muitos irmãos já é difícil "separar o joio do trigo", ou dos seus reais intentos e o dos infiltrados, que dirá para quem não convive na Maçonaria. Este é justamente um dos motivos que tornou a ordem tão visada, e por alguns, denegrada.

Cabe aqui uma reflexão a respeito do posicionamento de Guénon: como uma instituição sobrevive a 300 anos de decadência? O fato é que, por enquanto a Maçonaria continua a ser uma sociedade secreta (*2) que busca filiar apenas aqueles reconhecidos como maçons, mas permite por razões que vão de falta de contraste até desleixo, admissões equivocadas cada vês em maior numero.

Certamente este processo de decadência terá um desfecho com duas hipóteses para o destino da Ordem:

- 1 – ela se tornará o que ela esta, uma sociedade apenas discreta,
- 2 – ela voltara a estar o que ela ainda é, uma sociedade secreta.

De qualquer forma a Maçonaria estará resguardada, pois na ocorrência da primeira hipótese o que resultar certamente não será mais Maçonaria.

*1-James Anderson (*1679 ou 1680, Aberdeen, Escócia, †1739, Londres, Inglaterra). Ordenado ministro da Igreja da Escócia em 1707, em Londres ministrou na congregação da Glass House Street até 1710, na Igreja Presbiteriana na Swallow Street até 1734, e na Lisle Street Chapel até a data da sua morte. Foi Venerável Mestre da Loja n.º 17, quando da publicação da Constituição. A Constituição foi também editada e reproduzida por Benjamin Franklin na Filadélfia em 1734, sendo o primeiro livro maçônico impresso na América.

*2 – Sociedade que restringe o acesso a seus trabalhos à indivíduos naturalmente aptos a compreender seus ensinamentos.